

A ficção amorosa entre Florbela Espanca e António Guimarães (1920-1925)

Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Rodrigo Santos de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande

Resumo

A literatura ocidental há muito se ocupa da escrita de si. Tal interesse, intensificado a partir da segunda metade do século XX, vem proporcionando novos estudos de gêneros como diários e cartas. Presentes no cotidiano ocidental desde a era vitoriana, as cartas proporcionaram desde a socialização, comunicação e contabilidade dos sujeitos ao relacionamento amoroso. Foi através das cartas que muitos casais tiveram contato pela primeira vez, e muitos se mantiveram assim até o casamento. As cartas de amor exerceram papel importante na vida dos casais burgueses, eram o refúgio do eu, o local de segredo, das confissões e testemunho. Tomando como fundamento a correspondência como este espaço tanto testemunhal quanto poético, ou seja, literário, pretende-se examinar como Florbela Espanca em sua correspondência amorosa (1920-1925) não apenas “deita as cartas de sua vida”, mas “amplia a ficção amorosa” em torno do romance com António Guimarães.

Palavras-chave: correspondência amorosa; literatura portuguesa; Florbela Espanca; autobiografia.

Abstract

The Western literature has long been interested in the writing of the self for a long time. That interest which was intensified since the second half of the Twentieth century, providing new studies of genres as diaries and letters. Present in Western everyday life since Victorian era, the letters provided from socialization, communication and the accounting from the subjects to the loving relationship. It was through the letters that many couples had the first contact, and many of them remained it until marriage. Love letters played an important role in the life of bourgeois couples, they were the refuge of self, the place of secret confessions and testimony. Taking the correspondence as a testimonial and poetic space, it means, literary, this work has the objective to examine how Florbela Espanca in her love letters (1920-1925) not only “lay down the letters of her life”, but “enlarge the love fiction” around the romance with António Guimarães.

Keywords: loving correspondence; Portuguese literature; Florbela Espanca; autobiography.

A correspondência e as escritas de si

A partir dos anos 1980, houve um crescimento das escritas biográficas e autobiográficas, acompanhando, talvez, a alta editorial e o interesse do público por esse tipo de literatura, de cunho íntimo e confessional, intensificados na segunda metade do século XX. São várias as razões que intensificaram a leitura da escrita íntima:

Parece que a literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um *eu*, de uma pessoa viva que ali se encontra e que diante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor (REMÉDIOS, 1997, p. 9).

O fato é que esse aumento contribuiu para mudanças significativas na escrita de si, centrada no sujeito, objeto do seu próprio discurso, e no seu estudo crítico: “a maneira de construir e encarar as categorias de autobiografia e ficção sofreu grandes transformações, com a proliferação de relatos e romances nos quais as fronteiras entre elas parecem se desvanecer” (FIGUEIREDO, 2013, p. 13).

Embora a expansão da literatura confessional seja recente, há muito a literatura ocidental se ocupa do seu estudo e pesquisa, principalmente no que diz respeito a diários, cartas e autobiografias. O surgimento do diário íntimo data da corte de Heian, no Japão (Cf. OLIVEIRA, 2002), onde era praticado por homens e mulheres, sendo popularizado no Ocidente apenas a partir do século XVIII, e, entre as mulheres, do século XIX. Outro tipo de escrita que se popularizou no século XIX foram as cartas. Apesar de possuir uma longa história, que remete aos tempos socráticos, foi na era vitoriana que as cartas, enquanto escritas de si, passaram a fazer parte da vida da sociedade burguesa, como meio de expressão do “eu”:

No século vitoriano, os burgueses usavam as cartas e os diários, em número sem precedente e com intensidade inigualável, como repositórios dos relances de sua vida introspectiva. [...] os homens registravam uma experiência distinta das mulheres: podiam escrever sobre o seu trabalho, a política e os negócios, áreas que excluía a maioria das mulheres, confinadas essencialmente à vida doméstica. [...] Entretanto, fica claro que o lugar-comum do homem como ser raciocinante e da mulher como ser emotivo não governava as cartas e os diários da era vitoriana. O estilo confessional e confidencial, disponível a burgueses de todos os tipos – protestantes, católicos, judeus e ateus –, floresceu tanto entre os homens como entre as mulheres. A propaganda do romantismo em defesa do amor recíproco como único fundamento aceitável para os compromissos permanentes e para a troca ilimitada de emoções era, afinal, um fenômeno internacional com consequências duradouras, estimulando as confissões – desde que permanecessem dentro dos limites apropriados (GAY, 1999, p. 337-338).

Enquanto servia mais como um meio de comunicação e socialização entre os homens, para as mulheres, as cartas, ao lado do diário, eram as únicas escritas permitidas: “Escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil. Sua escritura ficava restrita ao domínio privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena

empresa” (PERROT, 2008, p. 97). Desde madame Sévigné,¹ no século XVII, com sua ampla correspondência trocada com a filha distante, publicadas na década de 1720, o gênero, que não era inicialmente feminino, adquiriu esta característica, por seu caráter privado e confessional, mas, ao mesmo tempo, instrumento de sociabilidade para essas mulheres. A carta permitia seu contato com o mundo exterior, e, grande parte das vezes, era pela carta que elas travavam contato com quem viriam a desposar.

A carta constitui uma forma de sociabilidade e de expressão feminina, autorizada, e mesmo recomendada, ou tolerada. Forma distanciada do amor, mais conveniente e menos perigosa do que o encontro, a carta de amor toma o lugar do próprio amor, a ponto de representar o essencial. Torna-se um tema e um motivo da literatura (no romance epistolar) e da pintura de gênero, principalmente a pintura holandesa. A mulher que lê uma carta em seus aposentos, ou perto de uma janela, na fronteira entre o interior e o exterior, sonha com o amante ou marido viajante ou guerreiro (PERROT, 2005, p. 29).

A troca de correspondência de cunho afetivo cresceu durante a época vitoriana e se tornou imprescindível nas relações amorosas. A carta desempenhou papel ativo neste contexto, pois, por si só, podia criar e sustentar o romance: a ideia de reciprocidade sentimental alimentava os casais que passaram a se corresponder todos os dias. Esse costume se difundiu por praticamente todos os países europeus no século XIX, perdurando até meados do século XX. A demanda afetiva que envolvia a troca de correspondência entre os apaixonados explicava o grau de excitabilidade dos sujeitos durante a escrita e o envio da carta, e também na “longa” espera de sua resposta:

As mulheres e os homens apaixonados, em especial, transfiguravam o carteiro em um mensageiro quase místico, portador da sua felicidade ou miséria. De país em país, criou-se o costume entre os casais apaixonados, e mais ainda quando estavam comprometidos, de escrever-se diariamente – costume honrado com raras exceções. [...] Até mesmo a carta que não pedia explicitamente uma resposta representava a demanda implícita de uma conversação à distância (GAY, 1999, p. 345).

O recebimento de uma carta confortava os corações dos amantes, e significava o estabelecimento do vínculo, da sua reciprocidade, e estimulava o envio de outra carta, motivo que fez essa movimentação ser quase diária, construindo um ciclo interminável

¹ A correspondência de Mme. Sévigné (1626-1696), trocada com sua filha, além de ser um modelo do gênero epistolar, trouxe à tona o mundo do século XVII francês, a partir do pensamento de uma mulher da corte de Luís XIV.

de correspondências. É nessa época em que as mulheres passam a ter maior acesso, mesmo que de forma tímida, à escrita, uma escrita do quarto, mas que escapa de seu domínio, pelas cartas destinadas aos seus parentes e amantes.

Essas peças são verdadeiros testemunhos de uma época, das relações sociais e amorosas. Além de conterem sentimentos, atividades cotidianas e a percepção de mundo dos sujeitos, muitas delas revelam até produções literárias desconhecidas do público. É a partir dessa prática autobiográfica que se podem conhecer muitas produções literárias femininas. Além disto, a escrita de si também revela aspectos importantes da vida e obra de um escritor. Segundo Eurídice Figueiredo (2013, p. 39), a correspondência como gênero (auto)biográfico é particularmente importante no caso dos escritores para se conhecerem as ideias, as opiniões, a interlocução, intelectual, amorosa ou de amizade que cada um manteve com seus pares e familiares. Além de matéria autobiográfica e testemunhal, a correspondência também serve de espaço para a criação poética.

A escrita de si em Portugal e o caso Florbela Espanca

A escrita de si se popularizou por toda a Europa, e em Portugal, por exemplo, houve ao longo dos séculos XIX e XX uma grande produção de documentos que importam em face do conteúdo histórico e literário, são verdadeiros documentos memorialísticos:

A produção autobiográfica portuguesa no século XIX foi rica e variada [...]. Quanto mais complexa a época, tanto mais rica. [...] Um irresistível impulso de autojustificação levou pessoas tão diferentes – escritores, juristas, políticos, artistas, actores, eclesiásticos – a integrar esta vasta bibliografia do memorialismo luso (VENTURA, 2008, p. 31-32).

No caso da produção feminina, em particular, esse tipo de escrito pode tomar outra dimensão, visto que durante muito tempo foi negado às mulheres o direito à voz e à escrita pública, restando-lhes apenas a escritura íntima, privada, muitas vezes secreta, comumente praticada no silêncio do quarto de dormir, longe dos olhos da família:

Só escreve cartas quem deita as cartas da sua própria vida. Também por isso a correspondência foi sempre uma estratégia bélica de mulheres. Estratégia de longo prazo, de impulsiva e contida paciência. Estratégia de quem está em posição de ver a

vida desfilam para lá da sua janela e sabe que papel sobreviverá ao desfazer das lágrimas, do silêncio e da solidão (PEDROSA, 2008, p. 15-16).

Até mesmo as mulheres que tinham acesso a uma escrita pública, como é o caso de algumas escritoras, encontravam escape na escritura íntima, local de confissões e testemunhos, local até de experimentalismo literário.

São estes escritos a via de conhecimento dessas mulheres, e é através deles que se pode desvendar um pouco mais acerca das mulheres escritoras nos séculos XIX e XX. Muitas se dedicaram às escritas de si, dentre gêneros como diário, cartas e autobiografia, e muitos destes chegam aos dias atuais, desvelando ao leitor não somente a vida particular das escritoras, mas o meio social e artístico e os conflitos enfrentados por elas.

Dentre as várias mulheres que produziram no contexto português, é relevante a produção autobiográfica de Florbela Espanca (1894-1930), poetisa portuguesa nascida em Vila Viçosa, que, entre os seus três casamentos e dois divórcios e uma breve, mas relevante, produção poética com viés erótico, causou alvoroço na sociedade portuguesa da época, tradicional e católica, não apenas pelos seus escritos literários, mas pela sua produção autobiográfica: cartas e diário.

É inquestionável o valor que a produção autobiográfica de Florbela teve e tem para o estudo de sua obra. E não só para isso, mas também para a “perpetuação” do seu mito. Após a sua morte foram publicadas as cartas enviadas para o professor Guido Battelli,² muitas delas comprovadamente adulteradas pelo professor na época, a fim de construir uma aura mais intimista no trato entre ambos, dando um caráter sensual à relação, o que foi desconstruído mais tarde por Maria Lúcia Dal Farra em *Afinado desconcerto* (2002), com o estudo e publicação do texto original.

Sem dúvida [...], o leitor não achará difícil concluir que há várias imprecisões, adulterações, montagens e interpolações feitas nas cartas. [...] Lopes de Rodrigues [...] já em 1956, havia chamado a atenção para a discrepância entre as diferentes edições de uma mesma carta e que advertira para a necessária comparação com o original (DAL FARRA, 2002, p. 163).

² A correspondência trocada com Guido Battelli (professor italiano visitante da Universidade de Coimbra, na época), no derradeiro ano de vida, ficou conhecida no ano seguinte à morte da poetisa, publicada pelo professor.

Sendo, até então, apenas conhecidas do público como matéria autobiográfica as cartas de Florbela, possivelmente ainda “montadas” pelo editor, em 1981 foi publicado o *Diário do último ano* da escritora, com introdução de Natália Correia, o único diário conhecido até o momento. O diário traz ao público o sujeito florbeliano em suas diversas faces, um sujeito que escreve para um interlocutor desconhecido, e que se desnuda em seus breves, mas carregados de força, 32 vestígios diários daquele ano, toda sua insatisfação e insulamento. A publicação do diário veio a enriquecer os estudos acerca da produção íntima da poetisa, possibilitando a construção de relações entre as diversas produções literárias.

Em 2008, então, vem a lume a correspondência amorosa que Florbela trocou com António Guimarães (1920-1925), que veio a ser seu segundo marido. Tal documento vem completar e elucidar sobre um momento específico da vida da poetisa, momento acerca do qual se possuía, até então, poucos documentos. As cartas publicadas recentemente, cujo correspondente tem suprema importância na vida de Florbela, visto também como interlocutor de alguns de seus poemas, são o testemunho da vida amorosa, social, política e literária da poetisa. No volume publicado, há 42 cartas da poetisa endereçadas a António Guimarães entre os anos de 1920 e 1925: “cada uma destas cartas é um capítulo de uma novela de amores difíceis [...]” (PEDROSA, 2008, p. 17).

O fato é que todos esses escritos são testemunhos da vida de Florbela Espanca. É a partir deles que se constrói, que se reconstrói o que teria sido a sua vida, tão cantada e tão forjada, às vezes por si mesma, muitas vezes pela crítica.

Memórias de Florbela e António

O ano de 1920 há-de ser para mim um rosal florido, acredito, mas florido de espinhos, de muitos espinhos. As rosas são talvez iguais àquelas de que falava o poeta: “Elle était de ce monde où les plus belles choses/ Ont le pire destin/ Et, Rose, elle a vécu ce que vivente les roses/ L’espace du matin.”³

É indubitável a atração que a vida de Florbela Espanca exerce no leitor: a poetisa acumulou em vida o “histórico” de ser filha incógnita, de contrair vários

³ Carta de Florbela Espanca ao poeta Américo Durão em 05/01/1920. In: ALEXANDRINA, Maria. *A vida ignorada de Florbela Espanca*. Porto, edição da autora, 1964. p.101-102.

matrimônios e divórcios, sofrer abortos, ter livros censurados pela crítica, romances extraconjugais e cometer suicídio na ocasião do 36º aniversário. A sua vida, considerada turbulenta para os padrões portugueses dos anos 1920, principalmente por se tratar de uma mulher, foi registrada em algumas de suas cartas e em seu diário.

Dentre a sua produção íntima, o que ficou por muito tempo oculto dos leitores e críticos foi a vasta correspondência trocada com António Guimarães (seu segundo marido) entre os anos de 1920-25, publicada apenas em 2008, quase 80 anos após a morte da poetisa, sob a organização e estudo crítico de Maria Lúcia Dal Farra (DAL FARRA, 2008). Tal correspondência, testemunho da Florbela do início dos anos 1920 e do seu vibrante romance com Guimarães, além de outras peças⁴ produzidas neste período, foi adquirida pela Câmara Municipal de Matosinhos,⁵ da herdeira do espólio, a filha da escritora e biógrafa de Florbela, Maria Alexandrina, que recebeu do próprio António Guimarães o conjunto publicado, importante para conhecer a realidade e a intimidade da vida da poetisa em determinado período: “cada uma destas cartas é uma novela de amores difíceis – e seria provavelmente mais difícil construir uma novela assim com um banal alferes da Guarda Nacional Republicana do que com um artista ou literato carregado de alma” (PEDROSA, 2008, p. 17).

António Guimarães veio a ser o segundo marido de Florbela Espanca, logo após a sua separação de Alberto Moutinho, amigo de infância da poetisa, com quem se casara em 1913. Após a entrada de Florbela para o curso de Direito na Universidade de Lisboa em 1917, o que a fez mudar para a respectiva cidade, o relacionamento dos dois foi abalado, tendo o divórcio sido consumado apenas em 1921,⁶ após ser objeto de litígio, e quando Florbela já vivia com Guimarães. Embora o alferes da Guarda Nacional não tenha sido o objeto do divórcio da poetisa, o romance entre os dois teve início durante o processo, o que rendeu um dos mais belos exemplares de correspondência amorosa e poética do início da década de 1920 em Portugal:

⁴ Consta do espólio, além das 42 cartas endereçadas a A. Guimarães, uma carta de Apeles (irmão de Florbela), uma carta de Apeles a A. Guimarães, o manuscrito do poema “Supremo orgulho”, centenas de recortes de jornais, conjunto de fotografias da família, um quadro de Apeles, o primeiro e quarto versos do poema “Amiga”.

⁵ Cidade onde Florbela Espanca passou os últimos três anos de sua vida, ao lado do terceiro marido, Dr. Mario Pereira Lage, e onde foi enterrada, antes de ter seus restos mortais trasladados para Vila Viçosa, sua cidade natal, em 1964.

⁶ Data de 29 de junho de 1921 o divórcio de Florbela e Moutinho, casando-se em seguida com António Guimarães.

Este volume de cartas inéditas vem ampliar a poderosa ficção que Florbela armou, pensando armar-se, tentando amar-se. Afinal, nenhuma carta é verdadeira; o que podem ser (as de amor são) é mais autênticas do que a vida. Visam mover o amado, enfatizando dores que na realidade se não vêem. Lê-se nelas o teatro do ser – o que se sente e o que se faz sentir, e é tão desesperado como o que se sente. O autor de uma carta de amor é fantasmático, por isso as cartas de amor são simultaneamente fúnebres e imortais; só os mortos não nos morrem (PEDROSA, 2008, p. 19-20).

O conjunto das cartas destinadas a António Guimarães se inicia em 1920, após Florbela conhecer Guimarães em um baile de Carnaval⁷ em Lisboa, em casa de família, quando contava 25 anos, idade também de Guimarães (DAL FARRA, 2008, p. 75-76), e após Guimarães tê-la pedido em casamento, embora ainda fosse oficialmente casada com Alberto Moutinho e estar no processo de separação litigiosa. A epistolografia, iniciada a 4 de março de 1920, “se enceta sob o signo funesto: uma medonha infâmia, lançada contra Florbela, busca separá-los” (DAL FARRA, 2008, p. 34). Ora, Florbela, que vivia em Lisboa em casa de família, havia travado um romance com um homem, ainda estando casada.

É neste exemplar inicial do romance que se lê uma Florbela que entrega a alma ao amado Guimarães e sofre o conflito armado em torno de seu encontro. A carta é o seu meio de expressão, o seu escape, o lugar do testemunho e do segredo dos amantes: “É provável que não possa falar-te, por isso digo nesta carta o que te dizia em casa da Dona Georgina” (4/3/1920) (ESPANCA, 2008, p. 72). A carta é o lugar de expressão dessa mulher que não pode falar em público, ou seja, que, por qual motivo for, necessita recorrer ao mundo privado e íntimo, tão próprio das mulheres. É nesta carta em que se leem os trechos iniciais do intenso relacionamento entre a poetisa e o seu amado António, também chamado de Tónio, ou Urso, dependendo do grau de intimidade e do período em que foi produzida a carta. Mas é com o romantismo próprio da burguesia vitoriana, que Florbela firma o seu vínculo afetivo na mesma carta:

⁷ Maria Lúcia Dal Farra, em nota, levanta a questão acerca do momento em que Florbela e António se conheceram. Segundo Rui Guedes, em edição da obra completa, em 1985, o casal teria se conhecido num casamento em janeiro de 1920, hipótese considerada plausível por Dal Farra. Mas a pesquisadora apresenta carta de Florbela datada de janeiro de 1921, em que a poetisa, que escreve de Évora para Guimarães, esclarece que foi no carnaval (provavelmente de 1920) que o conheceu e se apaixonou por ele (DAL FARRA, 2008, p. 75-76).

Sou sempre a mesma mulher leal a quem há dias fizeste o oferecimento generoso da tua alma e do teu nome. [...] Nestes dias fizeste-me acreditar que a felicidade é provável no mundo. A minha pobre alma, tão magoada e dolorida, encontrou para ti os risos bons dos quinze anos. Sonhei passar a vida a teu lado, e como se num amor pudesse reunir todos os amores, sonhei ser, no nosso lar, a esposa, a irmã, a amiga incomparável e, em horas de desânimo, até a mãe que tu não tens há tanto tempo (4/3/1920) (ESPANCA, 2008, p. 72).

O trecho da carta deixa claro para o leitor o pedido de casamento feito por Guimarães, pela referência do oferecimento da alma e do nome. Enlaçado a este pedido, encontra-se a confissão amorosa da poetisa a este “rapaz bem apessoado, alto, magro, cabeleira lisa e loira, farda vermelha de atraente alferes da Guarda Nacional Republicana” (DAL FARRA, 2008, p. 33), a quem também ofertou seu coração, sua alma e sua vida, e com quem sonhava passar “toda a sua vida”, ou pelo menos os próximos cinco anos. Desde o início, o relacionamento teve altos e baixos, e, com a mesma intensidade com que o amor se apoderava do coração dos dois jovens, surgiam mais problemas e conflitos para serem superados pelos amantes. Na primeira carta, nota-se que o grande conflito inicial do romance se instala na sua impossibilidade: “Amo-te e amas-me, e afinal o que devia ser a única razão de proceder, não é; e não é porque sou leal e porque eu não quero dever-te nada, a não ser um grande amor que eu teria com que pagar.” Mas o amor, no início da década de 1920, não era o suficiente para justificar tal relacionamento, e

Em volta de mim ergueu-se, como uma revoltante maré de lama, a intriga mais infame e mais cruel que se pode imaginar. Ouvi hoje, em casa de Dona Georgina, coisas que não supus que as pudesse ouvir um dia. Tão só me sentem na vida que se atrevem a insultar-me como se eu fosse a última das mulheres! Eu, que sozinha, tenho cumprido sempre o meu dever, embora, como custe ao meu coração que afinal se revolta e se insurge contra a vida tão vil que não me deixa ser feliz nem fazer feliz os que estimo. [...] Separam-nos, António, e roubam-te a ti, como a mim, a felicidade porque ninguém como eu saberia ser tão radiosamente feliz por ti e em ti! [...] (4/3/1920) (ESPANCA, 2008, p. 73).

Lugar de desabafo, a carta tem um interlocutor, o único que naquele momento poderia amenizar o sentimento de solidão de Florbela, sentimento que sempre a perseguiu e consumiu. Afinal, o que esperaria aquela mulher de uma sociedade patriarcal, regida pelos padrões morais do cristianismo, estando ela apaixonada por um homem que não o seu marido, e publicamente apaixonada? Além de apaixonada, Florbela declara-se noiva deste homem: “Sou tua noiva e quero-te o bastante para

querer que tenhas orgulho de mim para querer que me conheças sentir [...]. Sou digna de ti, sou digna do teu amor [...].” E é assim que, em 4 de março de 1920, a poetisa deposita no seu interlocutor a esperança de retirá-la daquela “revoltante maré de lama” em que se encontrava: “Espero a tua resposta. Sobre ela resolveremos a nossa vida” (ESPANCA, 2008, p. 74).

A carta de amor sempre prevê uma interlocução, uma resposta imediata, que faz girar o “interminável” ciclo das correspondências: a cada dia, uma carta. Nos dias posteriores ao envio da primeira carta, até o dia 14 de março, Florbela remete cartas diariamente a António, e não só cartas como bilhetes, chegando a enviar mais de uma correspondência por dia. A troca de correspondência, que nem sempre é recíproca, pelo menos no que diz respeito à resposta diária, é a mola do relacionamento. Em 6/3/1920, escreve Florbela: “Só agora, 9 horas da noite, posso responder à tua carta que, com infinito prazer, encontrei à volta da minha rápida excursão pela Baixa” (ESPANCA, 2008, p. 82). Mas, ao mesmo tempo que há uma aparente reciprocidade no envio de cartas, a poetisa vem reclamar da ausência de Guimarães, ausência que se estenderá em todo o relacionamento do casal, por diversos motivos, principalmente os ligados à sua atividade política:⁸

Afinal, não apareceste... Tenho a certeza que não te contraria tanto como dizes este súbito afastamento nosso que vem quebrar o doce hábito de nos vermos quase todo o dia. [...] *Querer é poder*. Adoro este ditado que é de uma esplêndida lição de força moral, de energia, de vontade consciente e forte. [...] Eu não tenho, como tu, o magnífico feito de aceitar as coisas que não me agradam, com esse: “paciência, ficará para amanhã” tão resignado, tão indiferente como se esse “ficará para amanhã” fosse o comprar um par de meias ou uma gravata... (ESPANCA, 2008, p. 82-83).

O amor por que Florbela sonhou parecia se desvanecer, poucos dias após o início da correspondência. A solidão ultrapassava o ciclo da troca de correspondência, a aparente indiferença ou desdém de Guimarães conflitava com o espírito enérgico e resoluto da poetisa, tão conhecido já pela sua biografia e autobiografia já publicada.

⁸ António Guimarães serviu à Guarda Nacional Republicana (GNR). Em nota, Maria Lúcia Dal Farra (2008, p. 75) explicita que, ao conhecer Florbela, Guimarães já se encontrava, havia um ano, como eventual no 3º Batalhão da GNR, em Alcântara. Em 1º de junho de 1920 ele será contratado como alferes pelo comando da GNR e chegará até a assumir a chefia do gabinete do ministro do Exército, em 1922. Entre 1920 e 1921 houve 14 governos em Portugal, e a GNR havia se tornado um “exército paralelo”. Assim, as atividades políticas de Guimarães traspassam todo o relacionamento do casal, obrigando-o a se ausentar, e ao casal, a mudar de cidade constantemente, o que afetou profundamente o relacionamento.

Naquele momento Florbela veste-se do personagem que a acompanhará pelo resto da sua existência, imortalizando-a, e com que se confundirá em vida.

Um nada me magoa, nem sei porquê. Não é melhor, pois, estar no meu cantinho só e continuar a ser, como dantes, a resignada e triste Sóror Saudade? [...] Estou imenso só nesta grande casa onde todos têm seus amigos, a sua família e onde só eu não tenho ninguém (ESPANCA, 2008, p. 83).

O choro de solidão acompanha a Sóror Florbela durante todo o seu relacionamento com Guimarães. É sabido que ambos não podiam se encontrar em público, ou, ao menos, na presença de conhecidos. Então, no início encontravam-se através de Apeles, irmão de Florbela, que a levava para um passeio onde poderia ver António. Em seguida, Apeles parece se afastar:

Estarei então às 3 horas e meia na paragem da Rua Ferreira Lapa, da minha rua, na Rua Conde Redondo. Compreendes? [...] Depois iremos ao Lumiar. Queres? Doutra maneira não há forma visto que tu e meu irmão andam desencontrados lamentavelmente (7/3/1920) (ESPANCA, 2008, p. 88).

E, com isso, os “encontros” passam a ser na rua: ou Florbela assiste da sacada da casa enquanto o amado passa na rua, geralmente no fim de tarde – “Estive o resto da tarde à janela, como a Carochinha, e nada...” (8/3/1920) (ESPANCA, 2008, p. 95) –, ou se encontram em algum ponto da cidade. Algumas vezes o encontro foi durante passeios de bonde, para não levantar suspeitas e maledicências: “Lembrava-me para te falar, irmos ao Lumiar ou a Benfica e voltar outra vez. No electrico falaríamos; e uma vez não teremos a pouca sorte de encontrar alguém conhecido” (7/3/1920) (ESPANCA, 2008, p. 88). Os encontros “às escondidas” refletem a pressão social porque passavam as mulheres naquela época. Mesmo estando separada, era necessário esconder-se, estar longe dos olhos alheios, e trata-se, aqui, de uma mulher ousada para a sua época!

As cartas são o único testemunho que sobrevive ao tempo de suas investidas românticas com Guimarães; é a partir delas que se conhece mais a fundo o que foi esse relacionamento, como se estabeleceu no decorrer do tempo, como enfrentaram juntos e/ou sozinhos as barreiras que se interpuseram entre eles. É neste conjunto de cartas também que vemos Florbela expressar todo o seu amor a António, e sua raiva também, como será visto nos anos finais de relacionamento. Em 19/3/1920 Florbela escreve a

António: “Obrigada pela tua carta. Amo-te” (ESPANCA, 2008, p. 128). Os galanteios iniciais são substituídos por essa declaração, uma declaração que firma o desejo de união dos amantes, e tal união não significa, para Bela, nome com que assina muitas de suas cartas, o casamento propriamente dito, mas a casa: “Nosso ninho é pequeno, mas chega bem para nós dois” (17/3/1920) (ESPANCA, 2008, p. 126).

Nas cartas ela clama por um amor, ela clama por uma casa, um lugar só dos dois. A casa vai aparecer como esse lugar sagrado para os amantes, é a condição para estabelecimento do vínculo:

A nossa casinha e o nosso amor, como tu dizes, encanta-me, mas faz-me chorar e tu bem deves compreender e por conseguinte perdoar tudo. Dizes que o teu amor há-de ser tanto ou maior do que eu quero. Então não é ainda tanto como eu quero? Se não é, então não quero nenhum porque sou das que dizem: tudo ou nada (8/3/1920) (ESPANCA, 2008, p. 96).

Nas cartas endereçadas a Guimarães durante o mês de março de 1920, nota-se o estabelecimento do vínculo amoroso entre os dois e a busca incessante de Florbela pela casa, o “ninho” dos dois. Parte da correspondência, além de tratar das insatisfações de Florbela, da marcação de encontros, das confissões amorosas, é destinada a tratar desse lar, a buscar a “casa”. Nessas correspondências se conhece um pouco mais dessa Florbela mulher, amante, que deseja a união, a “casa”. Durante todo o relacionamento eles mudam de cidade devido à atividade de Guimarães, o que impossibilita a realização desse desejo da poetisa, tão imprescindível para a sua felicidade.

Em 12/4/1920, em Sintra, Florbela escreve a Guimarães:

Meu querido amor, [...] Tenho saudades do Bristol, sabes? Foi o nosso primeiro ninho, bem alegre e carinhoso, [...] Nunca, enquanto lá estive, passei um dia inteiro sem ti, e basta isso para ter saudades dessa casa a que tu tão desalmadamente, ontem, chamaste maldita. A casa onde vivi contigo os primeiros oito dias, sozinhos! [...] Não merecias talvez que eu estivesse aqui a falar contigo, cheia de saudades e de profundos desejos de te ver. Como esta Sintra hoje está feia e triste! (ESPANCA, 2008, p. 137).

O que se percebe é que, finalmente, Florbela e António parecem estar juntos e que já dividiram um “cantinho” só deles, premissa da felicidade para a poetisa. Mas logo a solidão vem acompanhar a Bela, que escreve, após 16 dias do último bilhete enviado ao amado, para reivindicar a sua companhia, o seu amor. Tal solidão é simbolizada por Florbela na imagem da mulher que tece a toalha, tal qual Penélope a

esperar o seu Ulisses: “Acabei agora o meu eterno bordado, acabei por hoje... Dá-me a ideia da célebre teia de Penélope, feita de dia, desfeita à noite, enquanto o bem amado, ao longe, vagueava pelo mundo afora” (12/4/1920) (ESPANCA, 2008, p. 137). É ainda em Sintra que, em 16/4/1920, Bela escreve ao “Meu amorzinho adorador”, a implorar pela sua companhia:

E tu [...] não me deixas ir passar umas horas contigo? [...] Tenho saudades, saudades, saudades. E é verdade que eu ando de luto, de luto por uns beijos que trago e que se não dão e que morrem de frio longe de tua boca; queres luto mais triste? Meu amigo, tu és muito mau que me não quiseste hoje ao pé de ti. [...] E a nossa casa? [...] Quem me dera já na nossa casinha, no nosso pequenino ninho, meu amor querido! (ESPANCA, 2008, p. 144-146).

Ao longo do relacionamento entre Florbela e António, a mudança de casa foi constante, devido ao cargo que ele ocupou na Guarda Nacional Republicada e aos vários governos porque passou Portugal naquela conturbada época. Desta forma, pode-se pensar que toda essa “mobilidade” e os vários momentos de solidão tenham alimentado a separação do casal, que se oficializaria em 1925.

O que é certo é que esse mesmo período foi de grande produção poética de Florbela: ela lançou *Livro de mágoas* em 1919 e *Livro de “Sóror Saudade”* em 1923, e preparava, ao mesmo tempo, os poemas a serem publicados em *Charneca em flor* (1931, póstumo). Em parte de sua correspondência, ou seja, em meio às confissões amorosas, ao testemunho de vida e às insatisfações da poetisa, são impressos pelo tinteiro alguns dos seus mais conhecidos versos, alguns deles escritos para o seu amado Guimarães. Em 2/6/1920, ela dedica ao seu “homem querido” o poema “O nosso mundo”:

Eu bebo a Vida, a Vida a longos tragos –
Como um divino vinho de Falerno,
Poisando em ti o meu amor eterno
Como poisam as folhas sobre os lagos! –

Os meus sonhos, agora, são mais vagos... –
O teu olhar em mim hoje é mais terno...
E a Vida já não é o rubro inferno
Todo fantasmas tristes e pressagos! –

A Vida, a Vida, Amor, quero vivê-la!
Na mesma taça erguida em tuas mãos,

Bocas unidas hêmos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...

Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?...

O mundo, Amor?... As nossas bocas juntas!... (ESPANCA, 2008, p. 153).

O poema de êxtase de amor dedicado a Guimarães não é o único encontrado em sua correspondência amorosa. Há também os versos de “Vida”, conhecido pelo título de “Inconstância”, que aparece em seu espólio e data de 30/4/1920 (ESPANCA, 2008, p. 151). O desejo de união, o amor desmedido a Guimarães expressos na Correspondência de 1921 perdura em 1921 e 1922, ainda quando se teve conhecimento da dedicatória do manuscrito de *Claustro das quimeras* a António Guimarães, posteriormente intitulado e publicado como *Livro de “Sóror Saudade”* (1923). No manuscrito, escrito entre 1921 e 1922, a poetisa registra:

Àquele que é na vida toda a minha vida, àquele que é na amargurada noite da minh'alma, a deslumbradora luz, que tudo ilumina e aquece, ao meu único amor de verdade, maior que todos os amores de quimera e ilusão que tão cedo passaram... Bela (ESPANCA, 2008, p. 241).

Já no *Livro de “Sóror Saudade”* publicado em 3/1/1923 (ESPANCA, 2008, p. 275), Florbela escreve ao Tónio: “O primeiro exemplar de o ‘Livro de Sóror Saudade’ pertencia-te. Ofereço-to pois com muito afecto e muito reconhecimento por tudo que te devo de bom e feliz na minha vida. Tua amiga, muito amiga, Bela.” O destinatário do *Livro de “Sóror Saudade”* está longe de ser o mesmo a que foi dedicado o *Claustro das quimeras*, e distante ainda do a que foi dedicado o poema “O nosso mundo”, e mais longe ainda do destinatário da dedicatória do *Livro de mágoas*, feita por Florbela ao conhecer Guimarães, em 1920:

Ofereço-te meu livro, que é a minh'alma de outrora: cheia de mágoas – ela anda hoje cheia de quimeras, dos sonhos com que a encheste, das ilusões com que a deslumbraste... Ela é outra, agora! Vai toda nesta página... e nem se lembra sequer que foi, um dia, aquela que sonhou, em horas de tortura, o pobre e triste “Livro de Mágoas”... (ESPANCA, 2008, p. 71).

O desejo das bocas juntas, que antes representava a união do casal, agora desvanece pelas letras escassas das correspondências e das gentilezas das dedicatórias. O amor desejado para a vida toda morre a cada dia, morte representada pela escassez e

formalidade das correspondências, cada vez mais breves e com menos intimidade: “Recebi hoje um postal teu em resposta a uma carta minha. Como vês, não sou apenas eu que uso os postais. [...] Em todo o caso espero ir por toda a próxima semana. Até breve. Saudade da Florbela” (23/11/1923) (ESPANCA, 2008, p. 290). A escassez das cartas assinala o fim deste tão intenso quanto breve amor:

Malgrado tudo, na última carta de Gonça, em 03 de Dezembro de 1923, Florbela ainda persevera: ela se despede do marido enviando-lhe as “saudades da tua mulher” – e assina.

E é com tais palavras assim ternas – como que subitamente salvas dum vendaval do tempo que, num átimo, a mão de Florbela buscasse coligar para compor um derradeiro bilhete postal (bem na contramão de todas enfáticas e alongadas missivas em que o amor se esteve cumprindo) – que ela diz o adeus definitivo a Guimarães! (DAL FARRA, 2008, p. 65).

É depois desse adeus a Guimarães que Florbela escreve ao irmão, em 29/12/1923:

Certamente te irá surpreender e penalizar a minha carta, mas entendo que é melhor dizer-te eu própria tudo que há de novidade [...].

Eu deixei que tivesses da minha vida uma certeza de felicidade que ela de forma alguma possuía; nunca me ouviste uma queixa, nunca ninguém me viu uma lágrima, e no entanto minha vida há dois anos foi um calvário [...]. Sofri todas as humilhações, suportei todas as brutalidades e grosserias, resignei-me a viver no maior dos abandonos morais, na mais fria das indiferenças; mas um dia chegou em que eu me lembrei que a vida passava, que a minha bela e ardente mocidade se apagava [...].

Pensei na sociedade, pensei na família, nas relações, nos amigos e principalmente em ti, mas que queres? [...]

Para ti serei sempre a mesma, a irmã muito amiga de quem podes dispor em toda a minha vida; para os outros morri; que me enterrem em paz, que não pensem mais em mim e é tudo o que eu desejo [...] (ESPANCA, 2008, p. 294).

É assim que se finaliza o ciclo de correspondências durante o período em que Florbela esteve com António Guimarães. Aliás, consta ainda no espólio, datado de 8/2/1924 (ESPANCA, 2008, p. 298), o poema “Supremo orgulho” e uma carta de Apeles Espanca destinada a António Guimarães, em 17/5/1925 (ESPANCA, 2008, p. 300), justificando a sua ausência na ocasião do seu casamento, após a separação oficial com Florbela, testemunho do final do romance do casal.

Após a separação, Florbela também se casa novamente, com o médico Mário Pereira Lage, em 1925. Quanto ao ciclo de correspondências trocadas com António,

esse ciclo não se finalizou com a união dos amantes, quando são vencidas as barreiras da fala, do dizer. Caso contrário, o amor, este objeto tão exaltado nas cartas, que por vezes toma o lugar dos sujeitos, ficou insulado pelo obstáculo que separa as almas, sem necessariamente separar os corpos. Parece que em um momento eles calaram, talvez quando não mais tivessem o que dizer um ao outro, à espera do derradeiro momento, a morte definitiva do amor:

Supremo enleio

Quanta mulher no teu passado, quanta!
Tanta sombra em redor! Mas que me importa?
Se delas veio o sonho que conforta,
A sua vinda foi três vezes santa!

Erva do chão que a mão de Deus levanta,
Folhas murchas de rojo à tua porta...
Quando eu for uma pobre coisa morta,
Quanta mulher ainda! Quanta! Quanta!

Mas eu sou a manhã: apago estrelas!
Hás de ver-me, beijar-me em todas elas,
Mesmo na boca da que for mais linda!

E quando a derradeira, enfim, vier,
Nesse corpo vibrante de mulher
Será o meu que hás de encontrar ainda... (ESPANCA, 2008, p. 224).

Os obstáculos talvez não tenham permitido que o mundo fosse as suas duas “bocas juntas”, mas certamente fez com que se vissem e beijassem em todas elas. Assim, neste diálogo entre as cartas e a poesia, numa ficção de amor construída por Florbela para António, a correspondência amorosa de Florbela se constrói como uma densa, fugaz e dolorida literatura de amor, um amor que não resistiu às suas Bodas de Papel... Talvez sejam as memórias e versos de amor entre Florbela e Guimarães alguns dos episódios amorosos mais intensos da literatura portuguesa do século XX.

Referências

DAL FARRA, Maria Lúcia. Apresentação. In: ESPANCA, Florbela. *Afinado desconcerto*: contos, cartas e diário. Estudo introdutório, apresentações, organização e notas de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. O mundo, amor?... As nossas bocas juntas!... Pequena história de Florbela Espanca e António Guimarães. In: ESPANCA, Florbela. *Perdidamente*: correspondência amorosa (1920-

1925). Fixação de texto, organização, apresentação e notas de Maria Lúcia Dal Farra e prefácio de Inês Pedrosa. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2008.

ESPANCA, Florbela. *Perdidamente: correspondência amorosa (1920-1925)*. Fixação de texto, organização, apresentação e notas de Maria Lúcia Dal Farra e prefácio de Inês Pedrosa. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. 2002. 217 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

PEDROSA, Inês. Prefácio. In: ESPANCA, Florbela. *Perdidamente: correspondência amorosa (1920-1925)*. Fixação de texto, organização, apresentação e notas de Maria Lúcia Dal Farra e prefácio de Inês Pedrosa. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2008.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 2005.

_____. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

REMÉDIOS, Maria Luiza. *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

VENTURA, António. *Literatura autobiográfica em Portugal. Algumas reflexões a partir da História*. In: MORÃO, Paula; INFANTE, Carina (Orgs.). *Escrever a vida: verdade e ficção*. Porto: Campos das Letras, 2008.

Minicurrículos

Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento é doutora (2011) e mestre (2005) em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); licenciada em Letras (UFRN) e bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Rodrigo Santos de Oliveira é professor-adjunto dos cursos de licenciatura e bacharelado da FURG. Editor da revista *Historiæ* (FURG); doutor em História pela PUCRS (2009).